

Apresentação

Colocamos à disposição dos leitores um número especial de *Estudos Ibero-Americanos* que trata de *História, tempo e memória*. Esses temas representam um domínio de estudos muito vasto em que se interceptam diferentes caminhos de análise, isto é, situa-se no cruzamento de diversas vias da pesquisa histórica. A história das idéias, como uma via de pesquisa, permite observar a ressonância da propagação das idéias sobre o tempo e a memória na cultura ocidental. Embora as perguntas sobre essas questões se constituam como complexidades perenes, a forma de respondê-las vem se modificando sem, no entanto, haver respostas conclusivas, o que permite novas pesquisas. Ao “aproximar” o passado e o presente, as experiências existentes no âmbito acadêmico possibilitaram realizar, no Programa de Pós-Graduação em História, um ciclo de conferências sobre História, tempo e memória objetivando ampliar a discussão que embora povoe desde um passado bastante distante os debates, o mesmo se presentifica e se torna cada vez mais importante para os historiadores.

Os artigos reunidos neste volume cruzam diversas perspectivas, apresentam olhares vários, propõem maneiras diferentes de analisar e de compreender o encontro entre o texto e seus autores. Fernando Catroga, através da história dos conceitos, propõe investigar a idéia de História como mestra da vida, desde os seus primórdios com Cícero – *historia magistra vitae* – até o mundo contemporâneo, quando a História passa por uma crise de sentido, crise que legitima a pergunta pela História como mestra da vida. Wolfgang Heuer relata a utilização da memória pela História e nos remete à questão da confiabilidade, e, com isso, “ao voto de confiança” (Ricoeur) à testemunha. Em contraste com as formas usuais de tentar impedir ou impor a memória, o interesse público contemporâneo por depoimentos pessoais tem levado a vários casos de falsificação da memória, entre os quais o mais famoso é a histó-

ria de “Wilkomirski”. O artigo se dedica às formas atuais de auto-vitimização, procurando entender por que a maioria dos historiadores falhou em reconhecer a falsificação, por que mentir traz mais vantagens do que dizer a verdade, e qual a função do julgamento crítico como pré-requisito para a confiabilidade. Marion Brepohl de Magalhães apresenta uma proposta de refletir sobre o papel da memória e da História em nossa cultura contemporânea, através de uma aproximação ao pensamento de Hannah Arendt e de Walter Benjamin. Salo de Carvalho avalia as práticas punitivas como mnemotécnicas, aproximando a perspectiva filosófica de Nietzsche e a teoria agnóstica da pena. A hipótese desenvolvida na investigação é de que a ritualização e institucionalização dos castigos, através dos primitivos procedimentos penais, atuam como mecanismos de manutenção da memória dos delitos, da “culpa moral” e do “sentimento de dever”. Carlos Henrique Armani traz um estudo ao pensamento de alguns intelectuais que viveram durante a Primeira Guerra Mundial e testemunharam um período histórico profundamente conturbado pela violência e morte – a experiência da temporalidade. Marçal de Menezes Paredes focaliza a polêmica entre dois intelectuais que marcaram a cena cultural luso-brasileira: Silvio Romero e Teófilo Braga. O estudo da intensidade, abrangência e extensão dessa polêmica possibilita o delineamento dos termos nos quais se davam as trocas, debates e críticas culturais entre Brasil e Portugal no final do século XIX, além de possibilitar uma reflexão sobre a dimensão escalar da nação como critério histórico utilizado na compreensão de interfaces culturais, imagens que funcionam como instrumentos taxonômicos de memórias nacionais.

RUTH M. CHITTÓ GAUER
– Organizadora –